

---

## **Rompimento da Barragem de Fundão no Instagram: análise de narrativas sobre o crime minerário de 2015 a 2023<sup>1</sup>**

Izabela Gonçalves dos SANTOS<sup>2</sup>

Evandro J. M. LAIA<sup>3</sup>

Adriana BRAVIN<sup>4</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **Resumo**

O rompimento da barragem de Fundão, ocorrido em 5 de novembro de 2015, em Bento Rodrigues, distrito de Mariana, MG, é tema central deste artigo. O objetivo geral desta pesquisa é analisar como o Instagram e o Facebook têm retratado e mantido viva, ou não, a memória a respeito do crime socioambiental das mineradoras Vale, Samarco e BHP Billiton, entre os anos de 2015 a 2023. Para este artigo, coletamos e analisamos dados extraídos do Instagram, no período acima, para avaliar como o tema foi abordado e as narrativas construídas nesse espaço temporal. Como resultado, obtivemos visualizações de dados que constroem uma timeline discursiva sobre o acontecimento, a partir das interações entre os principais atores a compartilharem conteúdo sobre o crime e serem citados no Instagram, apontando agregações temporárias a respeito de prevalência e ausência de temas, de atores e de conflituosidade.

**Palavras-chave:** mineração; Fundão; Instagram; narrativas; métodos digitais

### **Introdução**

O rompimento da barragem de Fundão, ocorrido em 5 de novembro de 2015, sob responsabilidade das mineradoras Samarco, Vale e BHP Billiton, resultou na liberação de cerca de 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração, que em aproximadamente 15 minutos soterraram o distrito de Bento Rodrigues, em Mariana (MG), e contaminaram o Rio Doce e seu curso ao longo de mais de 600 quilômetros até chegarem ao mar, no litoral do Espírito Santo. Como consequência do rompimento, cerca de três milhões de moradores de cidades mineiras e capixabas tiveram suas vidas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bolsista do projeto de Iniciação Científica "Mapeamento da produção de equívocos em narrativas audiovisuais autônomas", realizado no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, com recursos do Programa de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, e-mail: [izabela.goncalves@aluno.ufop.edu.br](mailto:izabela.goncalves@aluno.ufop.edu.br).

<sup>3</sup> Orientador do projeto de Iniciação Científica. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do curso de Jornalismo da UFOP, e-mail: [evandro.medeiros@ufop.edu.br](mailto:evandro.medeiros@ufop.edu.br).

<sup>4</sup> Co-orientadora do projeto de Iniciação Científica. Professora do Curso de Jornalismo da UFOP, e-mail: [adriana.bravin@ufop.edu.br](mailto:adriana.bravin@ufop.edu.br).

afetadas, uma vez que mais de 40 municípios foram atingidos pela lama tóxica, além de terras indígenas e comunidades quilombolas. O rompimento da barragem causou a morte de 19 pessoas, entre elas uma mulher grávida, e destruiu os modos de vida de inúmeras pessoas em Minas Gerais e no Espírito Santo.

Desastres, assim como este, devem ser considerados para além do tempo cronológico, pois seus antecedentes falam sobre omissões e escolhas político-empresariais que levam ao acontecimento, enquanto suas consequências continuam se espalhando espaço-temporalmente (Valêncio, 2012). Como evento e processo (Zhour, 2023), o desastre perdura e se desdobra para além daquele 5 de novembro de 2015, seja nos tribunais (no Brasil e, até o momento, na Inglaterra); no cotidiano de milhares de famílias atingidas; ou mesmo nas recentes pesquisas que relacionam contaminação por metais pesados no Rio Doce a deformações em insetos aquáticos (Pesquisa, 2024).

Em estudo sobre as narrativas do desastre no Rio Doce nas páginas da Samarco e da Vale no Facebook, em 2015 e 2016, Barone (2019) observou, naquele recorte temporal ainda próximo ao evento traumático, que as narrativas da mineradora Samarco não se conectavam à responsabilidade para a reparação do Rio Doce, distanciando-se das questões relativas ao comprometimento da água deste manancial como consequência do rompimento da barragem da mineradora. “Não há preocupação com a vida comunitária, a memória social e o valor afetivo dos lugares atingidos (Barone, 2019, p. 14). Podemos indagar hoje, passados oito anos deste evento traumático, de que modo as narrativas digitais produzidas sobre este desastre que perdura no tempo estão moldando a percepção pública sobre o crime e seus responsáveis?

Nesse sentido, colocamos em prática a proposta de Malini (2020) de explorar, temporalmente, como as narrativas sobre o crime socioambiental formam uma cronologia e um coesão lexical, ao qual este autor denomina “timeline discursiva de redes de narrativas”, ou seja, “um grafo de palavras visualizadas, de tempo em tempo (dia, hora, mês ou ano etc), demonstrando a concatenação de um discurso a partir de um conjunto de termos que se repete no tempo para fortalecer uma narrativa” (Malini, 2020). Nessa perspectiva, a narrativa digital recupera a ideia de “versão”, como em seu correspondente analógico, sendo muito comum o uso da expressão “guerra de narrativas” nas redes sociais, o que indica disputas em torno da fabricação de

---

“verdades” em função da crença ou de interesse de grupos, influenciadores, usuários de plataformas digitais.

Essa produção discursiva está apoiada em um universo vocabular próprio que podemos observar por meio do rastreamento de termos de interesse para nossa pesquisa, sua reprodução e/ou viralização (compartilhamentos, views, likes) por grupos de perfis, e sua agregação em *clusters* para melhor visualização dos termos, a entrada de novas expressões e atores, suas associações no tempo e a produção de novas narrativas. Sendo uma forma-rede de atores, palavras, imagens, links que se metamorfoseia no tempo, a abordagem das narrativas digitais permite vislumbrar diferentes perspectivas ou pontos de vista sobre o desastre e seus desdobramentos na redes sociais Facebook e Instagram ao longo do tempo – intencionamos completar este monitoramento em 2025, quando completam-se 10 anos do rompimento da barragem de Fundão.

Desse modo, nesta pesquisa buscamos identificar a rede semântica (Malini et al., 2014; Malini, 2020) associada a este acontecimento nas plataformas citadas e, a partir dela, analisar quais termos aparecem com mais frequência para abordar o assunto, as palavras e expressões ausentes deste contexto, quem são os principais atores a movimentarem essa rede de narrativas, como e quando as empresas responsáveis pelo crime socioambiental são citadas e como a percepção sobre o acontecimento muda ao longo dos anos. Para este artigo, coletamos e analisamos dados extraídos do Instagram, entre 2015 e 2023, para avaliar como o assunto foi abordado nas narrativas construídas nesse espaço temporal.

### **Referencial Teórico**

Para embasar esta pesquisa, utilizamos a Teoria Ator-Rede (TAR), uma abordagem sócio-antropológica que busca entender a complexidade das relações sociais ao considerar tanto humanos quanto não-humanos (objetos, tecnologias, organizações) como atores que influenciam e moldam redes de interações. A abordagem considera que as redes sociais são compostas por entidades heterogêneas que, ao interagirem, constroem a realidade social. Bruno Latour (2005) propõe o conceito de rede sociotécnica em contraposição ao de sociedade, apresentando a ideia de uma rede de relações entre humanos não humanos, em negociação constante, como um modelo de uma “sociologia das associações”, em contraposição ao que ele chama de “sociologia do

social”. Esta busca identificar a associação entre atores, mediadores ou intermediários, e a circulação de agência pela rede, que inclui humanos e não humanos da mesma maneira, ou seja, de uma maneira ontologicamente plana, entendendo as estabilizações que daí surgem como caixas-pretas, configurações temporárias que se desfazem com o surgimento de novas controvérsias.

Ao utilizar a TAR como referencial teórico, esta pesquisa beneficia-se de uma perspectiva que reconhece a multiplicidade e a interconexão dos atores envolvidos na construção das narrativas sobre o crime da barragem de Fundão. Isso permite uma análise mais abrangente e detalhada das dinâmicas sociais e tecnológicas que moldam a memória coletiva e a percepção pública sobre o evento. A TAR nos oferece fundamentos para investigar como as redes sociais e outras tecnologias mediam as interações entre diversos atores e contribuem para a construção de narrativas complexas e multifacetadas.

Outro conceito importante para este artigo é a cartografia, especialmente a cartografia das controvérsias (CC). Proposta por André Lemos (2013), no campo dos estudos sobre comunicação e cibercultura, essa teoria analisa a intersecção entre espaço físico e espaço digital, destacando a importância das redes e dos fluxos de informação na construção do mundo contemporâneo. Lemos propõe uma abordagem cartográfica para entender a dinâmica das interações humanas e tecnológicas, mapeando como essas relações se formam, se transformam e se manifestam no espaço digital.

A CC é um conjunto de técnicas para explorar e visualizar polêmicas, questões emergentes em determinados agrupamentos, o movimento, a circulação da ação e a fluidez de mediações, revelando as diversas dimensões que compõem uma rede sociotécnica. (Lemos, 2013, p.110)

André Lemos lembra que, na lógica da TAR, a controvérsia é o que nos permite visibilizar a configuração de uma rede, é o tempo das negociações, do fluxo de agências, até a estabilização. “A rede é o próprio movimento associativo que forma o social. Ela é circulação, a inscrição de influências de actantes sobre actantes, tradução, mediação até a sua estabilização em caixa-preta” (Lemos, 2013, p.53). A resolução do problema reorganiza a rede e a faz parecer homogênea, sem o movimento de associações que a faz existir.

Os estudos sobre redes digitais propõem "uma nova maneira de rastrear a vida coletiva" ou até mesmo "o próprio tecido da nossa existência" (Venturini, Jacomy, &

Pereira, 2015; Venturini & Latour, 2010), através das conexões entre seres humanos, atividades automatizadas e objetos digitais. Seguindo essa linha de pensamento, consideramos as redes digitais como representações de conexões e ações que podem ser rastreadas e recuperadas, formadas pela interação de atores humanos e não-humanos em torno de um tema ou questão, mediada por interfaces técnicas. Nesse contexto, compreendemos as redes digitais como um importante instrumento de análise para o acontecimento chave deste artigo, uma vez que envolve todas essas interações supracitadas.

A teoria de Cultural Analytics, desenvolvida por Lev Manovich (2020), envolve a aplicação de métodos computacionais e análise de dados para estudar e compreender a cultura contemporânea, especialmente em relação às mídias digitais e às grandes quantidades de dados geradas por elas.

Cultural analytics refere-se ao uso de métodos computacionais e de design — incluindo visualização de dados [data visualization], design de media e interação [media and interaction design], estatística e machine learning — para a exploração e análise da cultura contemporânea à sua escala [at scale]. (Manovich, 2020, p.9)

Manovich aborda uma intersecção entre cultura e plataformas digitais. Para ele, a cultura contemporânea está diretamente ligada à tecnologia digital, que permeia quase todos os aspectos da vida das pessoas, desde a produção e distribuição de mídia até a interação social. Nesse sentido, utiliza-se métodos computacionais para analisar grandes conjuntos de dados culturais, incluindo textos, imagens, vídeos e outros tipos de mídia digital. Essa análise visa revelar padrões, tendências e estruturas subjacentes na cultura contemporânea. É a partir desse conceito que partimos para a produção desta pesquisa.

## **Metodologia**

Para a realização deste artigo, a primeira etapa da metodologia foi a coleta dos posts do Instagram. Para isso, utilizamos Crowd Tangle, uma ferramenta de propriedade da Meta que rastreia interações em conteúdo público de páginas e grupos do Facebook, perfis verificados, contas do Instagram e subreddits. Ou seja, o Crowd Tangle é uma API<sup>5</sup>, que segundo Murugesan (2007) e Berlind (2015), é uma ferramenta que impõe,

---

<sup>5</sup> Application Programming Interface, em português, Interface de Programação de Aplicações. São mecanismos que tornam possível a comunicação entre dois ou mais componentes de software, a partir de definições e protocolos.

---

organiza, recolhe, renderiza e disponibiliza a atividade digital para coleta e análise de dados digitais, dentre outras funcionalidades. Nesse sentido, por meio do Crowd Tangle, foi possível obter informações de publicações, como conteúdo, interações (curtidas, compartilhamentos e comentários), tipo de publicação (texto, imagem ou vídeo), perfil ou página, período de tempo, localização, entre outros parâmetros.

É importante ressaltar que os dados coletados por essa ferramenta não incluem anúncios pagos, a menos que esses tenham começado como postagens orgânicas e não pagas que foram posteriormente “impulsionadas” usando as ferramentas de publicidade do Facebook. Também não inclui atividades em contas privadas ou postagens visíveis apenas para grupos específicos de seguidores. Além dessas, outra limitação da ferramenta é que não é possível coletar 100% dos posts, já que atualmente o banco de dados disponibiliza, no Facebook, mais de 5 milhões de páginas, grupos públicos e perfis verificados. Isso inclui todas as páginas do Facebook com mais de 100 mil curtidas (uma API adiciona novas Páginas de forma automática). E no Instagram mais de 1,8 milhão de contas públicas. Isso inclui todas as contas com mais de 75 mil seguidores, além de todas as contas verificadas.

Para a realização da pesquisa em questão, a coleta dos dados partiu de uma seleção prévia de palavras chave e utilizamos o comando “Rio Doce” (Mariana OR Samarco OR Vale OR Crime Ambiental OR Atingidos OR Rompimento OR Lama, OR Desastre Ambiental), a fim de expandir os resultados. Consideramos o intervalo temporal de 2015 a 2023, tendo como marco inicial a data de 5 de novembro de 2015, dia em que ocorreu o rompimento da barragem da Samarco. A coleta foi realizada em duas etapas: na primeira, o intervalo temporal foi de um ano, considerando, por exemplo, as interações ocorridas entre 5 de novembro de 2015 a 5 de novembro de 2016, e assim sucessivamente até 2023. Na segunda, considerou-se apenas o dia 5 de novembro de cada ano, de 2015 a 2023.

A partir dos *datasets* coletados, foi realizado o processo de filtragem dos dados. Nessa fase, utilizamos o software Ford Parse, com script desenvolvido pelo Laboratório de Internet e Ciência de Dados (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Com ele, é possível obter uma base de dados mais precisa e assim prosseguir para o próximo passo.

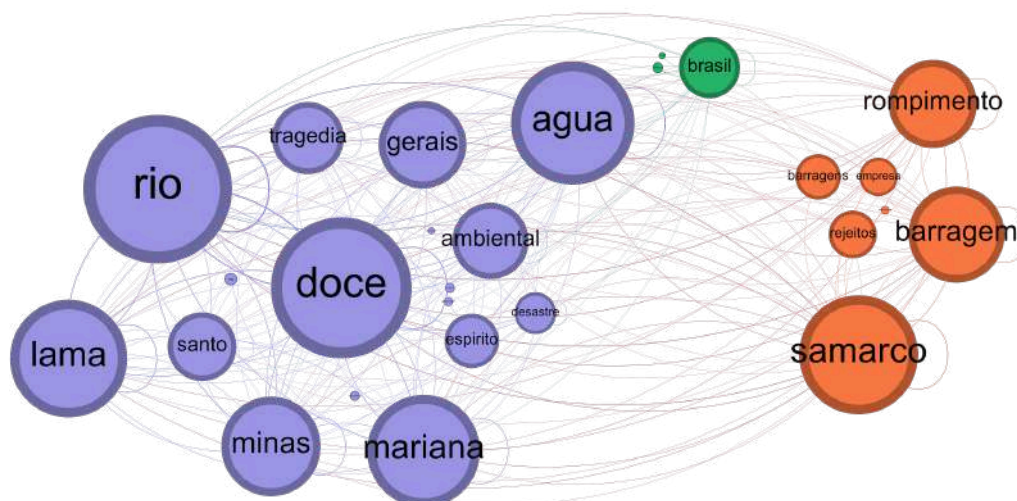
---

Em “Exploring Cultural Data”, Manovich (2020, p.184) demonstra que a questão da visualização e o lugar que ela ocupa no contexto de “cultural analytics” se concretiza no que ele denomina como “media visualization”, que é definida como “criar novas representações visuais a partir dos objectos visuais de uma coleção ou a partir das partes desses objetos” (Manovich, 2020, p.215). Com base nisso, a fase final da presente pesquisa fundamenta-se no que ele chama de “paradigma analítico alternativo”: o da visualização. Para isso, foi usado o software Gephi por meio da aplicação de métricas e estatísticas, como grau ponderado médio, usado para tornar os pesos de influência dos nós da rede mais homogêneos, e modularidade, para gerar módulos que reúnem os perfis com conteúdos próximos.

## Resultados

A partir do princípio da visualização proposto por Manovich, obtivemos como resultado parcial desta pesquisa 48 grafos que formam uma rede semântica com as principais palavras usadas para se referir ao crime socioambiental. Os grafos informacionais formados por nós e arestas trazem respostas sobre as principais narrativas provenientes das redes sociais Facebook e Instagram analisadas durante o período de 2015 a 2023. Neste artigo, vamos apresentar a timeline discursiva com os dados extraídos do Instagram neste período.

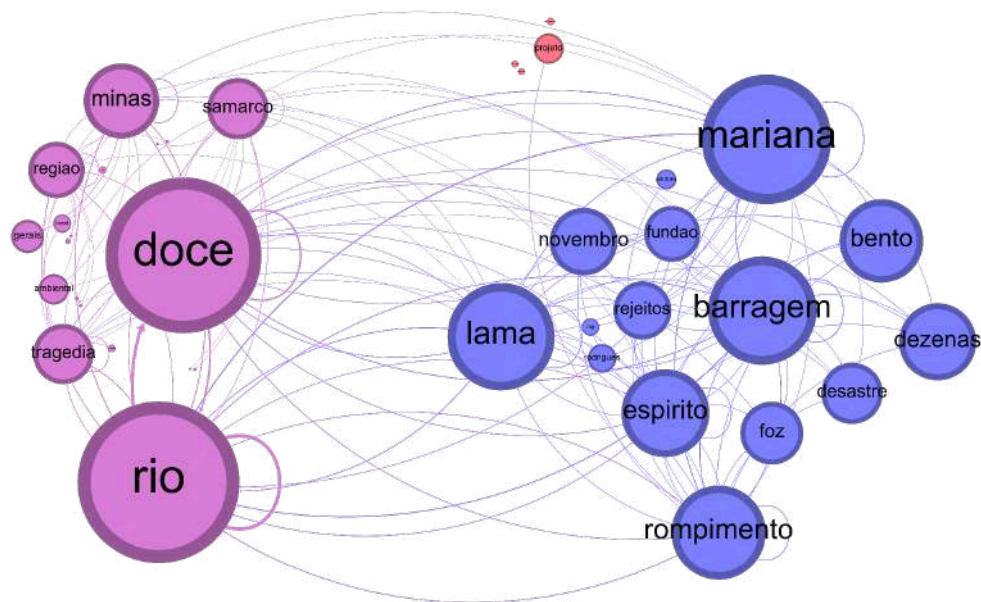
Figura 1: Grafo do Instagram. Ano 2015 a 2016



Fonte: Produzido pelos autores

Entre 2015 e 2016, primeiro ano após o rompimento da Barragem de Fundão, a Figura 1 nos mostra que as palavras **tragédia** e **desastre** são utilizadas para nomear o acontecimento. Elas aparecem no *cluster* roxo, diretamente associadas aos termos **Rio Doce**, rio contaminado pelos rejeitos de minério, **Mariana**, cidade na qual está situado o território atingido, **Minas Gerais**, estado onde ocorreu o rompimento, **Espírito Santo**, segundo estado atingido pelos rejeitos que alcançaram o mar, **lama**, palavra que foi utilizada inicialmente para referir-se ao rejeito, **ambiental**, já que o rompimento foi o maior desastre ambiental do país e **água**, principal recurso afetado. No *cluster* laranja, os termos **Rompimento**, **Barragem**, **Empresas** e **Samarco** estão fortemente relacionados entre si, por outro lado, há também conexões com as palavras do *cluster* roxo, apesar de estarem distantes. Já o pequeno *cluster* verde nos mostra a palavra **Brasil**, país onde aconteceu o fato e **Dilma**, refere-se à Dilma Rousseff, então presidente do país, sendo responsabilizada e cobrada, por meio das redes sociais, para dar assistência às famílias atingidas.

Figura 2: Grafo do Instagram. Ano 2016 a 2017



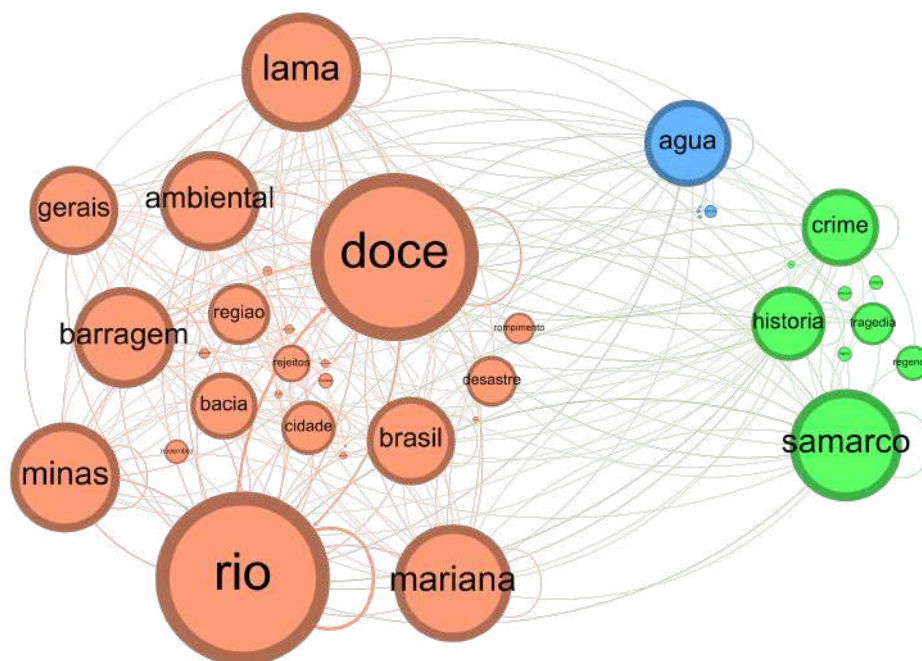
Fonte: Produzido pelos autores

Entre 2016 e 2017, o grafo (Figura 2) revela informações que no primeiro ano não foram trazidas para as discussões. Vemos que o distrito de **Bento Rodrigues** foi citado pela primeira vez, no *cluster* azul, evidenciando que foi este território atingido e



não a cidade de Mariana, como ficou subentendido no primeiro ano. Novamente as palavras **desastre** e **tragédia** são utilizadas para nomear o acontecimento. No *cluster* rosa, a cidade de **Governador Valadares** também é mencionada e aparece associada a **Rio Doce**. A palavra **lama** ainda aparece, como na Figura 1, mas agora vem acompanhada de **rejeitos**, termo correto para se referir ao que foi despejado pelo rompimento.

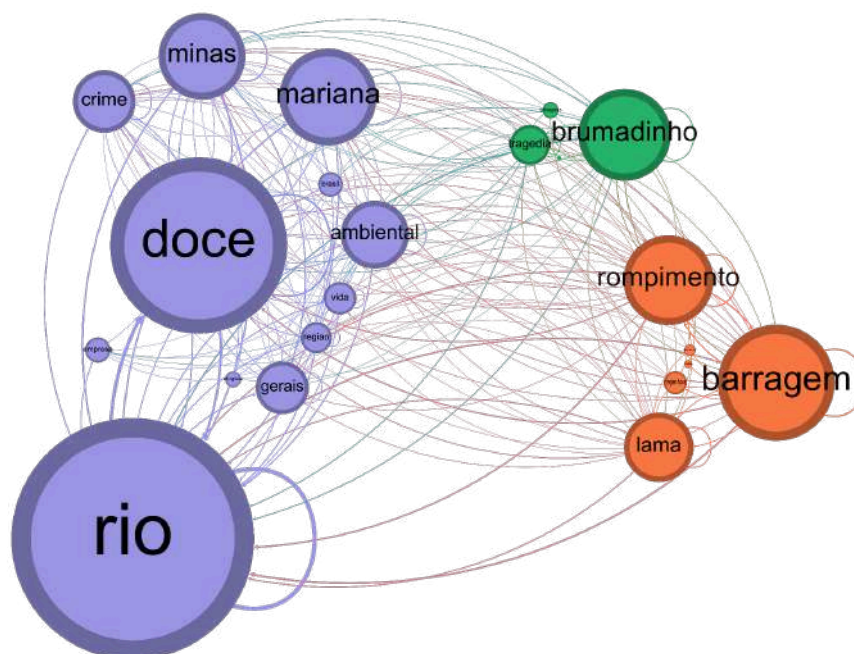
Figura 3: Grafo do Instagram. Ano 2017 a 2018



Fonte: Produzido pelos autores

O grafo referente aos anos de 2017-2018 (Figura 3) traz uma palavra nova e muito importante para nomear o acontecimento: **crime**. Fortemente ligada à empresa **Samarco**, responsável pela barragem rompida, vemos que somente em 2017 o fato é qualificado como crime. Nota-se ainda que, **Regência**, vila localizada na **foz do Rio Doce**, aparece no *cluster* laranja, é citada como um território atingido. Aqui chamamos a atenção para a palavra **história**, no *cluster* verde, diretamente relacionada a **crime**, **tragédia**, **Samarco**, e com relações também no *cluster* laranja, que indica as localidades afetadas pelo rompimento no estado de **Minas Gerais**.

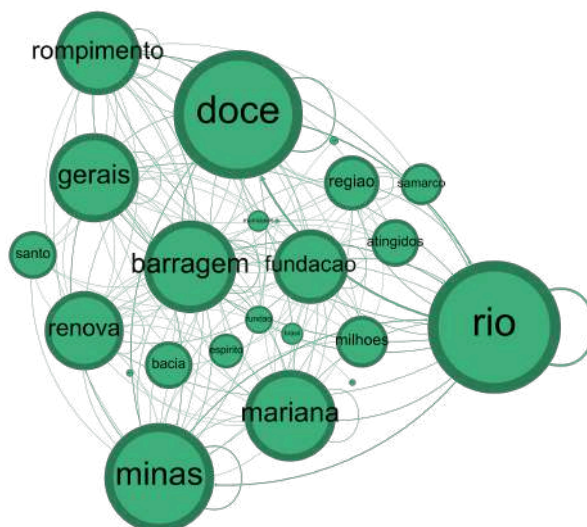
Figura 4: Grafo do Instagram. Ano 2018 a 2019



Fonte: Produzido pelos autores

No grafo referente aos anos de 2018 e 2019 (Figura 4), as palavras **rompimento**, **barragem**, **lama** e **tragédia** ganham mais peso nos *clusters* verde e laranja e estão diretamente ligadas à palavra **Brumadinho**. Isso devido ao rompimento, em 25 de janeiro de 2019, da barragem da mineradora Vale no Córrego do Feijão, em Brumadinho. No grafo é possível observar que as palavras **Minas Gerais**, **Barragem**, **Rompimento**, **Lama**, **Rejeitos** e **Ambiental** estão conectadas entre si, formando um grande *cluster*. A **Samarco**, uma das empresas responsáveis pelo desastre em Mariana, aparece em um pequeno nó, e está relacionada diretamente apenas aos termos rompimento, fundão, lama e rejeitos. Já a Vale, mineradora responsável pelas duas barragens rompidas, não é citada em momento algum.

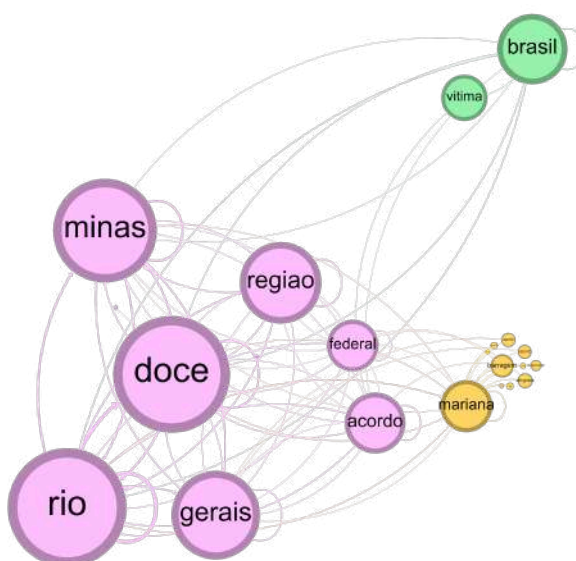
Figura 5: Grafo do Instagram. Ano 2019 a 2020



Fonte: Produzido pelos autores

A **Fundação Renova** é a instituição responsável por reparar os danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão. Ela foi criada em 2016, mas aparece na timeline narrativa sobre este desastre apenas entre os anos de 2019 e 2020, como mostra a Figura 5. No *cluster*, a Fundação Renova está associada às palavras **Rio Doce**, **Mariana**, **Minas Gerais**, **Rompimento**, **Atingidos**, **Milhões**, **Obras**. Apenas Fundação possui vínculo com a **Samarco**; Renova aparece ligada aos termos **Barragem**, **Bacia**, **Bento**, **Minas Gerais**, **Mariana** e **Rompimento**.

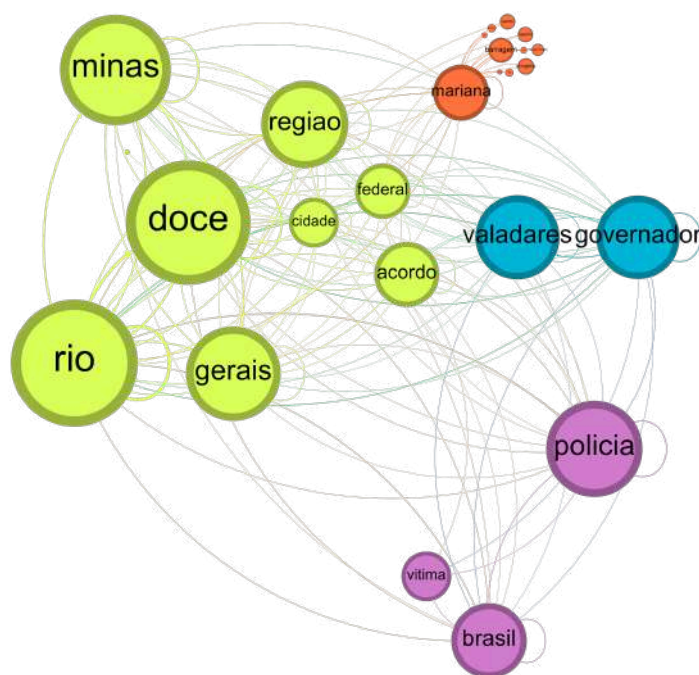
Figura 6: Grafo do Instagram. Ano 2020 a 2021



Fonte: Produzido pelos autores

Na Figura 6 observa-se o surgimento da palavra **acordo**. Esse termo passou a ser utilizado pelo Ministério Público para se referir às negociações sobre as indenizações devidas pelas mineradoras aos atingidos. A expressão está diretamente relacionada às palavras **Mariana**, **barragem** e **reparação**, que também é um termo associado às compensações dos danos. É interessante observarmos que a timeline discursiva nos aponta o caminho que as reverberações do crime foram tomando ao longo desses oito anos. Com o aparecimento da Fundação Renova nas conexões do grafo anterior, entendemos o motivo de expressões como acordo, reparação, atingidos e vítima serem mencionadas neste grafo, já que as discussões têm relação entre si.

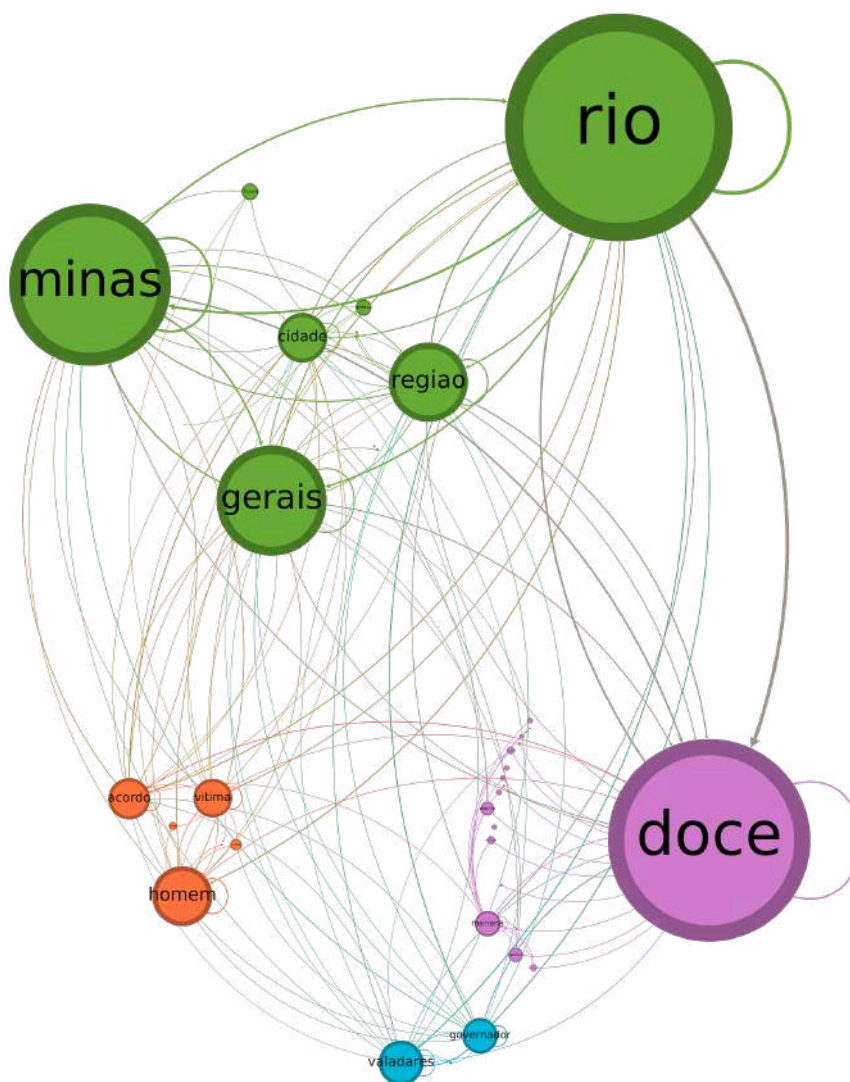
Figura 7: Grafo do Instagram. Ano 2021 a 2022



Fonte: Produzido pelos autores

Este grafo está dividido em quatro *clusters*, sendo o azul apenas com a cidade de Governador Valadares, que é a segunda mais citada após Mariana ao longo da timeline. O *cluster* laranja, com informações sobre as cidades atingidas pela barragem. O *cluster* amarelo, com grandes nós que trazem dados sobre o Rio Doce. Este é o principal *cluster* desse grafo, pois nele é possível identificar as conexões entre os demais *clusters*, indicando uma relação narrativa acerca do processo de acordo e reparação entre as localidades atingidas.

Figura 8: Grafo do Instagram. Ano 2022 a 2022



Fonte: Produzido pelos autores

No ano de 2023, um novo movimento organizado por atingidos e atingidas da barragem de Fundão foi criado: o Revida Mariana. Com o slogan “Justiça para limpar essa lama”, o movimento buscou alcançar pessoas por meio de campanhas com influencers nas redes sociais cobrando por justa reparação e para que a memória do crime seja mantida viva. Junto do Revida Mariana, está também o Movimento de Atingidos por Barragens (MAB) na luta por justiça para pessoas e comunidades atingidas. Essas ações geraram debates na rede, que reverberam no grafo produzido com os dados do período entre 2022 e 2023 (Figura 7).

### **Considerações finais**

Este artigo não trata de uma guerra de versões sobre os fatos/guerra de narrativas mas, sim, de como as redes sociais contribuem para a construção temporal a respeito da percepção, compreensão e memória de acontecimentos traumáticos como o crime socioambiental praticado pelas mineradoras Samarco, Vale e BHP Billiton. Essa construção discursiva por meio de redes de narrativas pode tanto enfatizar a percepção e compreensão dos fatos em um dado espaço-tempo - quanto maior esta proximidade, maiores serão as expressões sobre o trauma, as perdas e responsabilidades compartilhadas -, quanto corroborar para o apagamento de memórias, atores e papéis de cada ente envolvido nesse acontecimento monstruoso. Atores entram e saem de cena, interesses mudam; narrativas são cambiantes. De acordo com a rede de atores mapeada nesta pesquisa, que narrativas prevalecem sobre o rompimento de Fundão, em seus primeiros 8 anos? Esta e outras questões emergiram deste trabalho de construção da timeline discursiva, como: quem narra? Quais, como e quando as empresas aparecem nessa timeline? E se há conflitos aparecendo nesse recorte temporal?

No que se refere a esta pesquisa, observamos que somente Samarco é citada. Desde 2015 ela é a única, das três mineradoras responsáveis pela barragem rompida, que é apontada como a causadora do crime. Vale não aparece em nenhum momento da discussão e BHP só é lembrada em 2023 a partir do movimento Revida Mariana. Dessa maneira, não foi possível encontrar um grande conflito que movimenta a rede, ela tende à estabilidade, não há discordância quanto ao fato acontecido. Porém, as palavras que aparecem nos grafos podem indicar que existe esse conflito, mas minimizado, ou mesmo apagado ao longo dos anos, como resultado de uma cultura do esquecimento de grandes tragédias-crime.

A ausência de associação do crime à atividade minerária, das próprias mineradoras e o protagonismo de atores sociais que atuam como ativistas, revelam que as redes sociais podem moldar a percepção pública sobre acontecimentos como este. A análise dos dados sobre o rompimento da barragem de Fundão nas redes sociais, especificamente no Instagram, mostra como as plataformas podem também promover um apagamento da memória coletiva e construir narrativas equivocadas sobre eventos catastróficos. Os grafos apresentados neste artigo apontam algumas dessas respostas,

mas ainda é preciso avançar na análise dos dados em outros trabalhos para respondê-las com mais precisão de informações.

A quantidade de dados coletados e a qualidade dos grafos produzidos ao longo da pesquisa apontam para a necessidade de um tempo maior de análise e um esforço robusto para explorar mais profundamente as implicações do achados para a comunicação pública e a responsabilidade das empresas envolvidas. Uma análise mais detalhada dos resultados dos grafos, assim como descrições de cada um deles, no espaço de um relatório mais extenso, será a próxima etapa da pesquisa, que figura como um esforço coletivo para implantação de um laboratório de dados do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, voltado para monitoramento e análise das controvérsias envolvendo a mineração no epicentro do maior crime ambiental da história do Brasil.

## Referências

BARONE, Ricardo Aiolfi. Desastre no Rio Doce: as narrativas das páginas da Samarco e da Vale no Facebook em 2015 e 2016. Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania - **XXIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**, junho de 2019.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: an introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford University Press: New York, 2005.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: Teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

MALINI, Fábio. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando territórios e tempo na rede. In: ZANETTI, D.; REIS, R. **Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias**. Vitória: Edufes, 2017, pp. 83-106.

MALINI, Fabio. Quando tudo parecia ser tão distante daqui: a eclosão das narrativas sobre covid-19. **Medium**, 27 jul. 2020. Disponível em: <https://fabiomalini.medium.com/quando-tudo-parecia-ser-t%C3%A3o-distante-daqui-a-eclos%C3%A3o-das-narrativas-sobre-covid-19-23ef531b1be1>. Acesso em: 28 jun. 2024.

MANOVICH, Lev. **Cultural Analytics**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2020.

PESQUISA relaciona contaminação por metais pesados no Rio Doce a deformações em insetos aquáticos. **Universidade Federal de Minas Gerais**, 18 jun. 2024. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/pesquisa-relaciona-contaminacao-por-metais-pesados-no-rio-doce-a-deformacoes-em-insetos-aquaticos>. Acesso em: 28 jun. 2024.

OMENA, Janna Joceli, AMARAL, Inês. Sistema de Leitura de Redes Digitais Multiplataforma. In: OMENA, Janna Joceli (Ed.). **Métodos Digitais: teoria-prática-crítica**. Lisboa: ICNOVA,

2019, p.121-142.

VALENCIO, Norma. **Para além do “dia do desastre”**: o caso brasileiro – Coleção Ciências Sociais. Curitiba: Appris, 2012.

ZHOURI, A.. Crise como criticidade e cronicidade: a recorrência dos desastres da mineração em Minas Gerais. **Horizontes Antropológicos**, v. 29, n. 66, 2023.